



**LINGUAGEM E DIVERSIDADE NA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: AÇÕES
DESENVOLVIDAS COM IMIGRANTES E MULHERES APENADAS NO
MUNICÍPIO DE LAJEADO/RS**

***LANGUAGE AND DIVERSITY IN THE UNIVERSITY EXTENSION: ACTIONS
DEVELOPED WITH IMMIGRANTS AND JUST WOMEN IN THE MUNICIPALITY OF
LAJEADO/RS***

Grasiela Kieling Bublitz¹

Silvane Fensterseifer Isse²

Resumo: Este trabalho tem por objetivo apresentar as ações desenvolvidas em dois campos de intervenção do Projeto de Extensão Veredas da Linguagem, da Universidade do Vale do Taquari - Univates: a comunidade de imigrantes e o Presídio Feminino do município de Lajeado. Ao primeiro grupo, são oferecidas aulas semanais de português como língua adicional para que possam enfrentar as diferentes situações de uso da língua. A necessidade de planejar de acordo com as reais necessidades do grupo de imigrantes gera impactos positivos na formação do acadêmico, pois, dessa forma, estará constantemente reavaliando sua prática, o que também beneficia os imigrantes no enfrentamento de situações sociocomunicativas no seu dia a dia. Já com o grupo de mulheres apenadas, são desenvolvidas oficinas semanais voltadas às práticas corporais e artísticas, com o intuito de contribuir para a qualificação das relações interpessoais e para a humanização do período em que se encontram em privação da liberdade. Entre os resultados das ações desenvolvidas no presídio feminino estão o maior conhecimento e cuidado para com o corpo, a sensibilização, a qualificação do tempo de permanência na instituição prisional e a ampliação do diálogo.

Palavras-chave: Corporeidade. Diversidade. Ensino. Extensão Universitária. Linguagem.

Abstract: *This paper aims to present the actions developed in two fields of intervention of the Extension Project Veredas da Linguagem, of the University of Vale do Taquari - Univates: the community of immigrants, and the Female Prison of the municipality of Lajeado. To the first group, classes of Portuguese as an additional language are offered weekly so that they*

¹ Doutora em Linguística Aplicada. Docente do Curso de Letras, da Universidade do Vale do Taquari - Univates. Coordenadora do Projeto de Extensão Universitária Veredas da Linguagem e Coordenadora Pedagógica do núcleo de Assessoria Pedagógica Externa - APE. E-mail: gkib@univates.br

² Doutora em Ciências do Movimento Humana. Docente do Centro de Ciências Humanas e Sociais, da Universidade do Vale do Taquari - Univates; Coordenadora do Eixo Linguagem e Corporeidade do Projeto de Extensão Veredas da Linguagem. E-mail: silvane@univates.br

become able to face different situations of language use. The need to plan according to the real needs of the immigrant group generates positive impacts on the training of the academics, because, in this way, they are constantly re-evaluating their practice, which also benefits the immigrants in facing socio-communicative situations in their daily lives. With the group of convicted women, workshops on corporal and artistic practices are developed weekly with the aim of contributing to the qualification of interpersonal relations and to the humanization of the period in which they are in deprivation of liberty. Among the results of the actions taken in the female prison are the greater knowledge and care for the body, awareness, qualification of the time spent in prison and the expansion of the dialogue.

Keywords: Corporeity. Diversity. Language. Teaching. University Extension.

Introdução

O Projeto de Extensão Veredas da Linguagem da Universidade do Vale do Taquari – Univates, o *Veredas*, iniciado em 2016, vem desenvolvendo diferentes ações, organizadas em seis eixos temáticos: Ensino, Ludicidade, Corporeidade, Cognição, Tecnologia e Artístico-Literário, em espaços de intervenção também diferenciados. Entendemos as intervenções da extensão como um conjunto de ações processuais contínuas, desenvolvidas de forma planejada, com objetivos e periodicidade definidos, que possuem caráter educativo, social, cultural, científico ou tecnológico (FORPROEX, 2007). Para a Univates, os projetos e programas de extensão universitária têm como objetivos 1) promover ações que contribuam com o compromisso social da Instituição e a sua inserção regional, possibilitando o exercício da cidadania e a participação crítica no contexto social; 2) incentivar projetos que envolvam relações sociais e humanas entre os três sujeitos na construção do conhecimento: professores, estudantes e comunidade; 3) possibilitar vivências extensionistas que se configuram como oportunidades de ensino e de aprendizagem por meio da relação dialógica entre universidade e comunidade; 4) estimular projetos que possibilitem diálogos interdisciplinares e articulação de redes entre diferentes campos do conhecimento humano e que aproximem a comunidade acadêmica da comunidade local e 5) estimular ações que visem à indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, contribuindo para a construção e a ressignificação de conhecimentos articulados ao contexto sociocultural, com impacto tanto na formação do estudante quanto na transformação da sociedade – (os objetivos estão disponíveis em <https://www.univates.br/extensao/projetos-de-extensao/objetivos>).

No projeto aqui descrito, em todos os seus eixos, a linguagem se estabelece como linha norteadora, na perspectiva dialógica e plurivalente de Bakhtin (1992), permitindo interfaces entre diferentes áreas do conhecimento. Em sua imanência:

[...] a linguagem evoca a interdisciplinaridade, por ser plurivalente e dialógica (BAKHTIN, 1992). A linguagem das palavras, da arte, da corporeidade e da ludicidade torna o indivíduo capaz de interagir com o meio e com os outros e, nessa interação, produzir sentidos e constituir-se como sujeito. Concretizar esse potencial perspectiva dialógica, por meio de ações multifacetadas, é o desafio da área das linguagens que se propõe a desenvolver uma interface entre diferentes Cursos e Centros para promover a produção de conhecimento pelo diálogo e pela ação interdisciplinar, num movimento de ir e vir entre universidade e comunidade. (UNIVATES, 2017)

Duas das ações promovidas pelo Veredas associam-se às temáticas Direitos Humanos e Educação, uma vez que o público-alvo a que se destinam compõe-se, no primeiro caso, de imigrantes recém-chegados à região do Vale do Taquari que precisam superar o obstáculo da língua para inserirem-se na sociedade, e, no segundo caso, de mulheres apenas do sistema prisional do município com o intuito de contribuir para a qualificação das suas relações interpessoais e para a humanização do período em que se encontram em privação da liberdade. Essas ações de extensão ocorrem, respectivamente, por meio dos eixos denominados Linguagem e Ensino e Linguagem e Corporeidade, e contam com a participação de acadêmicos e professores dos mais diversos cursos da instituição, entre eles, Educação Física, Letras, Pedagogia, Direito, Psicologia, Engenharia Elétrica e outros.

Para que a descrição da metodologia adotada por cada eixo fique clara, primeiramente será apresentada a ação denominada “O ensino de português aos imigrantes da região do Vale do Taquari” e, em seguida, “Corpo e linguagem como dispositivos de intervenção no cárcere feminino”.

O Ensino do Português para Imigrantes da Região

Desde 2012, com a chegada dos primeiros imigrantes haitianos à região, a Univates tem se preocupado com questões relacionadas à imigração no Vale do Taquari. Sabe-se que a inserção dos imigrantes no mercado de trabalho é uma grande dificuldade. Em parte, esse problema ocorre em função da falta de domínio da língua portuguesa nos diferentes contextos comunicativos. Por isso, acreditamos que as aulas de língua portuguesa como língua adicional

possam impactar positivamente na vida desses imigrantes, favorecendo sua inclusão social e facilitando sua comunicação com a comunidade local.

Dessa forma, em 2014, iniciou-se uma ação, ainda que tímida, para atender a demanda de imigrantes recém-chegados. Um grupo de professores e acadêmicos da Univates decidiu enfrentar o desafio. O primeiro passo foi capacitar voluntários e acadêmicos no sentido de estudar conceitos relativos ao ensino da língua adicional, investigando materiais já existentes e aprofundando os estudos em relação às metodologias usadas. Para isso, o curso de Letras promoveu um fórum quinzenal de formação de professores, acadêmicos e voluntários sobre o ensino da língua adicional, com o objetivo de fomentar a discussão e o planejamento das aulas. Esse fórum foi até a terceira edição. A formação docente e as aulas aconteciam simultaneamente, ou seja, o planejamento era colocado em prática e discutido no fórum, assim, era possível rever metodologias e adequá-las ao contexto.

Em 2016, essa ação passou a fazer parte do projeto de extensão Veredas da Linguagem, mais especificamente do eixo Linguagem e Ensino, que vem capacitando acadêmicos e voluntários para ministrarem aulas de português como língua adicional aos imigrantes da região. A seguir, mais características desse eixo.

A Atuação do Eixo Linguagem e Ensino na Comunidade de Imigrantes

A partir de 2016, as aulas aos imigrantes iniciaram de forma sistemática, ou seja, semanalmente, nos ambientes de uma escola estadual do município, próxima à localidade onde reside a maioria dos imigrantes de Lajeado. Essa escola foi escolhida para facilitar a locomoção dos alunos e, também, pelo fato de essa escola ser uma das instituições que recebe os imigrantes no ensino regular.

Cabe ressaltar a concepção teórica adotada no ensino da língua portuguesa a partir dos estudos realizados durante os fóruns. Essa linha teórica concebe o ensino da língua como um processo interacional, isto é, considera a língua como um lugar de ação social, com base no letramento (SOARES, 2003), nas identidades (SIGNORINI, 2001) e na atuação do cidadão na sociedade em que vive (CAVALCANTI, 2009). Considerando o conceito de língua adicional de Schlatter e Garcez (2009), a intenção das aulas é construir o aprendizado do português a partir da língua ou das línguas que o aluno já conhece, ensinar a língua adicional não para servir aos interesses da comunidade lajeadense, mas aos interesses dos próprios alunos e, por

fim, fazer o imigrantes perceber que está adquirindo um instrumento de prática social, muito além do léxico e da sintaxe, o que possibilitará a sua real atuação no contexto em que vive.

É necessário também evidenciar os objetivos específicos do eixo Linguagem e Ensino, descritos no projeto:

a) Oportunizar aulas e oficinas de língua portuguesa como língua adicional para imigrantes;

b) Promover a formação de docentes (acadêmicos e diplomados) para ministrarem aulas de português como língua adicional;

c) Investigar metodologias e fundamentos teóricos que subsidiem a definição e a produção de tarefas a serem utilizadas nas aulas e oficinas destinadas aos imigrantes.

As aulas, semanais, com três horas de duração, já abordaram diversas temáticas, entre as quais, projetos sobre identidades, com visitas ao SINE - Serviço de Informação Nacional do Emprego, preenchimento de formulários com dados de identificação, elaboração de currículo e carta de apresentação; projetos promovendo trocas culturais relacionadas à alimentação, à dança e aos costumes típicos. Cabe ressaltar também a importância dos materiais de apoio para as aulas, como a apostila de Crioulo-Haitiano e Português, disponibilizada pelo Ministério do Trabalho e Emprego do Brasil e pelo Instituto de Migrações e Direitos Humanos, em 2012. A tradução de termos básicos para a comunicação entre acadêmicos e imigrantes foi facilitada com o uso dessa cartilha, que foi impressa e entregue a todos os que frequentaram e ainda frequentam as aulas. Outros materiais voltados ao ensino de português como língua estrangeira também foram consultados, mas, com o passar do tempo, sentimos necessidade de elaborar um material próprio, de acordo com o contexto e com aquilo que os alunos consideravam essencial para sua inserção social.

Em 2016, aproximadamente 50 alunos imigrantes participaram das aulas, embora apenas 13 tivessem concluído o curso. Em 2017, cerca de 25 alunos frequentaram os encontros e 20 concluíram. Esse número aparentemente baixo dos concluintes se deve ao fato de muitos alunos migrarem para outros estados ou municípios em busca de emprego ou melhores salários. Já em 2018, o projeto estava atendendo cerca de 20 alunos. Consideram-se concluintes aqueles que frequentam 75% das aulas no decorrer do ano letivo, o que lhes dá direito a um certificado de conclusão do curso. No início, a totalidade dos alunos era composta por haitianos, mas aos poucos foram chegando senegaleses, bengalis, beninenses e outros haitianos também.

Ano a ano, essa ação vem ganhando força e apoio da instituição, o que motiva acadêmicos e voluntários. As dúvidas em relação ao ensino surgem nas aulas e são discutidas no grupo de professores, voluntários e acadêmicos responsáveis pelo planejamento das aulas. Algumas percepções dos ministrantes das aulas, relacionadas abaixo, ilustram a relevância do trabalho e norteiam as reflexões do grupo envolvido:

Os alunos têm dificuldades na diferenciação nos gêneros do substantivo e suas generalizações (pessoas brasileiras - homens e mulheres, alunos - homens e mulheres). (Depoimento de acadêmico de Letras e voluntário do projeto)

Com os senegaleses, que só dominam o dialeto e um pouco do francês, é mais complicado fazer-se compreender. (Depoimento de acadêmica de História e voluntária do projeto)

As aulas precisam ser simples, sem abordagem de temas muito complexos, mas sempre interligadas ao cotidiano dos alunos. (Depoimento de diplomada de voluntária do projeto)

Eles precisam saber coisas básicas, como fazer sua apresentação pessoal, reconhecer os números em documentos, preencher um currículo, entre outras tarefas do dia a dia. (Depoimento de acadêmica de Letras e voluntária do projeto)

As considerações de quem está atuando fomentam o planejamento das aulas e a elaboração de um material didático próprio, que dê conta das necessidades apresentadas. No último ano, em 2017, foram elaboradas apostilas com unidades temáticas específicas pensadas pelo grupo, a fim de contemplar as necessidades básicas do grupo em relação ao uso da língua.

Este material didático, intitulado “Vem pra cá”, é distribuído aos alunos para que possam realizar tarefas tanto em aula quanto em casa. O uso de uma apostila própria também facilita o trabalho de quem ministra as aulas, pois aqueles que ingressam no voluntariado durante o andamento das aulas podem, assim, saber o que já foi trabalhado e preparar-se para os próximos encontros. Para que essa troca de experiências entre acadêmicos e voluntários ministrantes das aulas seja possível, são realizados encontros de discussão e reflexão sobre a metodologia usada nas aulas, sobre as dificuldades encontradas e sobre a necessidade de replanejamento.

Esse movimento pode ser caracterizado como um processo de retroalimentação, ou seja, o acadêmico vai até a comunidade, vivencia os possíveis problemas, volta à universidade, reflete sobre sua prática com os professores envolvidos e retorna à comunidade

com uma possível solução para o problema. Nesse sentido, ganham todos, acadêmicos, comunidade e universidade.

Corpo e Linguagem como Dispositivos de Intervenção no Cárcere Feminino

As ações do eixo Linguagem e Corporeidade fundamentam-se na ideia de corpo como elemento de linguagem, expressão, comunicação e criação (MARQUES, 2010) e de movimento enquanto experimentação e experiência ética, estética e criativa (SANTIN, 1995; SERRES, 2001). Nesse sentido, um dos objetivos do eixo é problematizar a corporeidade humana enquanto elemento de linguagem, contribuindo para a formação de acadêmicos e docentes por meio de oficinas e rodas de conversa que tenham como tema a linguagem corporal e as práticas corporais e artísticas.

A vivência de práticas corporais contribui para o conhecimento do corpo, bem como para o seu cuidado, à medida que as experiências de movimento potencializam a percepção das sensações, das fragilidades e potencialidades corporais, tanto de si como do outro. Sendo assim, o eixo Linguagem e Corporeidade, tem como propósito atuar no ambiente prisional, em que os espaços são restritos e a convivência é próxima e, por vezes, conflituosa. Nesse sentido, deseja-se contribuir para a humanização da permanência no cárcere, bem como para a qualificação das relações interpessoais, por meio das práticas corporais, uma vez que elas despertam para a vida e contribuem para o estabelecimento de vínculos afetivos. A seguir, mais detalhes do que o eixo em questão vem realizando até o momento.

A Atuação do Eixo Linguagem e Corporeidade no Presídio Feminino de Lajeado

O Presídio Feminino de Lajeado, o Feminino, inaugurado em novembro de 2016, é um dos quatro presídios femininos do estado do Rio Grande do Sul. Com capacidade para abrigar 72 mulheres em privação de liberdade, a obra foi construída pela comunidade e tem abrigado, em média, 25 apenadas, advindas de diferentes municípios do estado. As atividades oferecidas às mulheres apenadas ainda são bastante restritas, entre elas as aulas do Núcleo de Educação de Jovens e Adultos e as oficinas oferecidas pelo Veredas a partir de agosto de 2017.

O trabalho do Veredas iniciou de uma forma um tanto tímida, muito mais baseado na vontade de construir uma proposta de intervenção do que na experiência com grupos dessa

natureza. Iniciamos nossas ações com frequência quinzenal, desenvolvendo oficinas de samba, funk, alongamento e ginástica. No primeiro dia, quando entramos no pátio, uma das mulheres nos olhou e disse “Ih!”, expressando um certo descontentamento com nossa presença. Reunimos o grupo, então, e explicamos quem éramos e que estávamos lá para realizar práticas corporais com elas. Ficaram mais animadas, dizendo que seria muito bom fazerem exercícios físicos. A partir desse dia, começou a ser construída uma relação de amizade, confiança e compartilhamento entre a equipe do projeto e as mulheres apenas.

As intervenções realizadas no período de agosto a dezembro de 2017 foram evidenciando que as mulheres, na sua grande maioria, tinham uma imagem de si bastante baseada na crença de que não têm muitas qualidades, sabem pouco, podem pouco e que, portanto, não há muito a se esperar delas. As relações interpessoais se mostravam bastante frágeis, havendo distanciamento, disputa e carência de afeto entre elas. Apesar de conviverem cotidianamente, mostravam-se um tanto desconhecidas e distantes umas das outras. A experiência vivenciada em 2017 nos mostrou que deveríamos investir em oficinas que estreitassem os vínculos, que contribuíssem para que as mulheres pudessem se olhar de forma mais amorosa, mais cuidadosa e que pudessem encontrar a potência que há dentro delas. Reafirmamos, então, nossos objetivos em relação às ações realizadas no Feminino:

1) conhecer e compreender o contexto social e cultural da instituição prisional, bem como as diferentes histórias de vida das mulheres apenas, exercitando a escuta e o acolhimento; 2) contribuir para a humanização do período de permanência das mulheres apenas, bem como para a qualificação das suas relações interpessoais e para o bem-estar das mesmas e 3) planejar e desenvolver oficinas de práticas corporais diversificadas (dança, ginástica, alongamento, jogos, esportes, dramatização...) envolvendo as mulheres apenas. (UNIVATES, 2017)

O trabalho do eixo Linguagem e Corporeidade no Feminino parte da capacitação de estudantes bolsistas e grupo de voluntários, estudantes e diplomados da Univates, na qual são apresentados os objetivos do projeto e a metodologia de intervenção. A partir da capacitação, são planejadas e desenvolvidas oficinas, que, como mencionado anteriormente, no início se restringiam às práticas corporais diversificadas e, a partir de 2018, envolvem, também, conteúdos como música, poesia, jogos teatrais, fotografia, entre outros. Mensalmente, realizam-se reuniões com bolsistas e voluntários do projeto, para estudo, planejamento e avaliação do trabalho.

As intervenções no presídio acontecem semanalmente, com duração aproximada de 90 minutos. Quando o clima é favorável, os encontros acontecem no pátio, no horário do banho de sol. Em caso de mau tempo, as oficinas acontecem na galeria ou no refeitório. A participação das mulheres é espontânea e é bastante comum que, quando chegamos para as oficinas, elas estejam sentadas nos cantos do pátio, divididas nos grupos que compartilham as celas, quietas e um tanto desanimadas. Os abraços na hora da chegada e o convite para a participação nas atividades vai colocando um pouco de vida, levando alegria, quebrando a rotina.

O estabelecimento dos vínculos de afeto e confiança tem sido fundamental para que as atividades aconteçam e para que haja o envolvimento das mulheres. As aprendizagens acerca dessas relações vão se construindo dia após dia, pois, como mencionou uma estudante do curso de Educação Física, voluntária do projeto, em um dos encontros de avaliação das atividades, “há uma troca simultânea, [...] a gente tem que dar para elas e elas também têm muito a ensinar para a gente, como troca de professor e aluno”. Outra estudante voluntária, aluna do curso de Direito, reforça que “o contato com elas vai fazendo com que elas confiem em ti, com que elas criem uma empatia contigo e vão aceitando participar, aceitando fazer as coisas”.

As experiências de movimento, as rodas de conversa e as experiências de criação artística têm sido o suporte para o alcance dos objetivos a que se propõem o eixo Linguagem e Corporeidade e o Veredas como um todo. A cada encontro, crenças, sentimentos e acontecimentos dão o tom das atividades. São as apenadas que indicam as veredas a serem percorridas pelo projeto.

Práticas Corporais: o Conhecimento do Corpo e a Valorização de Si e do Outro

É possível perceber que as oficinas realizadas no *Feminino* têm ampliado as experiências de movimento e contribuído para o conhecimento do corpo e para o cuidado com esse corpo. As experiências corporais potencializam as sensações e a percepção das fragilidades e potencialidades do corpo, tanto de si como do outro. Movimentar-se é, para algumas detentas, um grande desafio, devido à timidez e à restrição em relação a expor-se ao olhar das outras mulheres. O contato, o encontro e o toque provocados pelas situações de movimento parecem causar “uma força perigosa. [...] uma força de invasão, de violação, de

dominação” (SANTIN, 1997, p.15-16). Enquanto algumas apenas dançam, jogam, dramatizam, cantam, agindo de forma bastante espontânea nas atividades, outras recolhem-se, não participam, julgando-se incapazes de realizar as atividades propostas. “Não sei fazer” é uma fala bastante recorrente para algumas mulheres quando são chamadas a movimentar-se.

Coloca-se, então, como desafio ao grupo que atua no projeto contribuir para o empoderamento dessas mulheres, através da proposição de ações que exijam criação e comando, dando visibilidade às potencialidades de cada uma delas e reconhecendo que as fragilidades e as diferenças são constituintes da natureza humana. A diferenciação e a visibilização, nesse sentido, contribuem para um maior cuidado e valorização de si e do outro. Não saber algo deixa de ser motivo para não experimentar. Aprender passa a ser um desafio aceito, uma forma de sentir-se mais viva, mais produtiva, pois, para Santin (1997, p. 9), “sentir a vida é o ponto de partida para organizar o modo de viver”.

Nesse sentido, as práticas corporais despertam para a vida e contribuem para o estabelecimento de vínculos afetivos. Há muita potência no encontro corporal, no diálogo corporal, através do qual é possível dizer coisas que às vezes não são possíveis por outros caminhos. Um olhar, um entrelaçamento de mãos, um abraço, uma aproximação são formas de eliminar barreiras, de desmanchar os nós das relações. Quando a equipe está interagindo com as mulheres apenas não importa quais foram seus crimes, importa, sim, que elas fazem parte de um grupo para o qual ensinamos, propomos atividades, com o qual dialogamos e vamos acolher e escutar.

Ocupar o tempo durante a permanência no presídio é um grande desafio. Não há suspensão da vida enquanto as mulheres estão com a liberdade suspensa. No entanto, é comum as apenas relatarem que o tempo não passa, que os dias são intermináveis e que a sensação de não realizar nada é bastante desconfortável. A presença da equipe do projeto tem sido motivo de alegria e de quebra da rotina. Ainda que algumas mulheres apenas observem as atividades, o compartilhamento do chimarrão, as conversas com professores, estudantes e diplomados da Univates, as boas risadas resultantes dos movimentos de dança, das expressões faciais, dos comentários e das pequenas criações produzem certo frescor e momentos de leveza, como as apenas referem em seus comentários sobre o projeto: “Incrível, nos tira do lugar, nos faz renovar e acreditar.”; “Sensacional. Amo esse trabalho! Nos faz sentirmos libertas.”; “Obrigada por tirarem um pouco do tempo de vocês para nos trazer um pouco de

divertimento.” (Depoimento de três detentas, obtidos quando foi solicitado que escrevessem o significado do projeto para elas).

Contribuir para que o tempo de permanência das mulheres no presídio seja um tempo mais interessante, de mais qualidade e bem-estar e durante o qual possam aprender, refletir, criar novas possibilidades de vida é um grande desejo de todos que se dedicam ao *Veredas*. Parece estar estabelecido no senso comum a crença de que as instituições prisionais brasileiras não recuperam ninguém. A equipe do projeto, no entanto, trabalha no sentido de resistir a essa crença, acreditando que pequenas intervenções podem produzir efeitos e mudanças no modo de pensar e nas perspectivas de vida das mulheres apenadas. Acreditamos que uma roda de dança, um jogo teatral... podem fazê-las perceber sua beleza, suas potencialidades, sua força e coragem para viver vidas diferentes quando chegar o tempo de liberdade.

A experiência no presídio como elemento da formação profissional é, certamente, uma experiência de humanização, reconhecimento da alteridade e reformulação de conceitos, o que fica bastante perceptível do depoimento de uma estudante voluntária, aluna do curso de Letras:

As pessoas me perguntam [...] por que, mesmo sabendo que elas estão lá pagando por um crime que elas cometeram, o que me faz ir lá? E eu disse: é uma boa pergunta, mas aí eu falei que eu sou uma pessoa que eu tenho meu lado compreensivo muito funcional e eu sei que cadeia não muda ninguém. Então, por que eu vou lá? Porque eu me sinto mais humana, [...] e eu me sinto útil como cidadã e eu cresço muito, porque a gente vai lá com um objetivo de tentar ajudá-las [...] eu acho que é por aí, pequenos passos que a gente está dando, mas que a gente consegue perceber que para elas faz uma diferença grande e pra nós, então, meu Deus!

Por fim, vale dizer que, ainda que socialmente se duvide do poder de recuperação nas instituições prisionais, essa é a nossa utopia, esse é o nosso desejo, que, ainda que não se realize na sua plenitude, cria em nós movimentos de pensamento e instantes de criação. Crer na utopia da recuperação e da mudança é o que nos faz criar movimentos na direção da possível recuperação. Estar com; vivenciar com; refletir com e alegrar-se com as nossas mulheres nos qualifica enquanto seres humanos, profissionais de diferentes áreas e sujeitos sociais.

Considerações Finais

A presença dos nossos alunos nesses espaços diferenciados causa um movimento também diferenciado, favorecendo uma postura de observação, escuta, acolhimento e

acompanhamento no sentido de refletir sobre as demandas de tais espaços. Dessa forma, ganha o acadêmico em conhecimento, ganha a comunidade em termos de benefícios e ganha a instituição, que tem seu trabalho aplicado e reconhecido. Outro aspecto relevante é o fato de proporcionar aos acadêmicos o protagonismo na resolução de problemas, pois nem todas as demandas das comunidades são previsíveis e esperadas, o que proporciona a busca de uma resolução possível e cabível, gerando reflexão e tomadas de decisão. Isso se observa em ambos os espaços descritos, tanto nas aulas aos imigrantes, quanto nas intervenções no presídio.

Acreditamos que os impactos das ações promovidas por esses eixos são muito positivos, no sentido de reafirmar a Extensão Universitária como processo acadêmico definido e efetivado em função das exigências da realidade, além de indispensável na formação do estudante, na qualificação do professor e no intercâmbio com a sociedade. Assim, esperamos que essas ações também possam criar condições para a participação da Universidade na elaboração das políticas voltadas para os públicos-alvo do projeto, bem como contribuir para que a Extensão Universitária seja parte da solução dos grandes problemas sociais da região.

Assim, estaremos de acordo com o que se determina em relação à extensão universitária no Brasil, ou seja, estaremos estabelecendo uma interação que orienta o desenvolvimento de relações entre a instituição universitária e os setores sociais, pautadas pelo diálogo e pelo compartilhamento de saberes. Agindo dessa forma, buscamos superar o discurso da hegemonia acadêmica, substituindo-o pela ideia de interação com movimentos, setores e organizações sociais, uma vez que a extensão perdeu o caráter de apenas levar à sociedade o conhecimento produzido pela Universidade. O que se pretende é a produção de um conhecimento novo, isto é, um conhecimento que contribua para a superação das desigualdades e da exclusão social, com o intuito de ratificar os princípios de justiça, ética e democracia.

Referências

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

CAVALCANTI, M. C. Um evento de letramento como cenário de construção de identidades sociais. *In*: COX, M. I. P.; ASSIS-PETERSON, A. A. de (org.). **Cenas de sala de aula**. Campinas: Mercado de Letras, 2009. p.105-124.

FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS. **Extensão Universitária**: organização e sistematização. Belo Horizonte: Coopmed, 2007.

MARQUES, I. A. **Linguagem da dança**: arte e ensino. São Paulo: Digitexto, 2010.

SANTIN, S. **Educação e Sensibilidade**. Disponível em: http://labomidia.ufsc.br/Santin/Filosofia/Educa%C3%A7ao_e_Sensibilidade.pdf. Acesso em: 23 jun. 2020.

SANTIN, S. **Educação Física**: ética, estética, saúde. Porto Alegre: EST, 1995.

SCHLATTER, M.; GARCEZ, P. Educação linguística e aprendizagem de uma língua adicional na escola. *In*: RIO GRANDE DO SUL, SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO. **Referenciais Curriculares do Estado do Rio Grande do Sul**: linguagens, códigos e suas tecnologias. Porto Alegre: SE/DP, 2009.

SERRES, M. **Os cinco sentidos**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

SIGNORINI, I. (org.). **Lingua(gem) e identidade**: elementos para discussão no campo aplicado. Campinas: Mercado de Letras; São Paulo: FAPESP, 2001.

SOARES, M. **Letramento**: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

UNIVATES. Universidade do Vale do Taquari. **Projeto de Extensão Veredas da Linguagem**. Lajeado, 2017.

Recebido em: 6 de julho de 2018.
Aceito em: 24 de junho de 2020.